

## **LIBERTAÇÃO DOS POBRES E OPRIMIDOS**

Luiz Carlos Bresser-Pereira

*Folha de S. Paulo*, 04.09.1984

A convocação de frei Leonardo Boff para depor perante a Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, em Roma, no próximo dia 7 de setembro, deixou de ser um problema meramente teológico para se transformar em um problema político. Não se trata simplesmente de discutir a Teologia da Libertação, surgida na América Latina nestes últimos dez anos e da qual o padre franciscano é um dos principais formuladores. O que está em jogo é a própria revolução política da Igreja Católica latino-americana, ocorrida a partir da reunião de Medellín em 1968, que a levou à “opção preferencial pelos pobres”, ou, em outras palavras, a um rompimento relativo com as classes dominantes.

O cardeal Joseph Ratzinger, prefeito da Sagrada Congregação e autor do documento “Instrução sobre alguns aspectos da Teologia da Libertação”, certamente preferiria que o debate ficasse apenas no plano teológico ou doutrinário. E nesse plano dificilmente um pensador como Leonardo Boff será alcançado.

Em primeiro lugar porque o documento da Sagrada Congregação dá a idéia de libertação não apenas o sentido de libertação do pecado, mas também de “libertação de muitas outras escravidões, de ordem cultural, econômica, social e política”, de libertação do “escândalo das gritantes desigualdades entre ricos e pobres”. Nestes termos, ainda que a idéia de libertação dos cristãos dos países centrais, que o documento reproduz, tenha um sentido mais teórico, enquanto a Teologia da Libertação na América Latina, como acentua o teólogo brasileiro, tem um compromisso com a ação prática, com a luta comunitária contra todos os tipos de opressão, o certo é que não há conflito essencial entre as duas posições.

Em segundo lugar porque o documento insiste em denunciar o caráter marxista ou marxizante das “varias teologias da libertação” e identifica esse marxismo com a

inexorabilidade da luta de classes e com a proposta da transformação radical de toda a estrutura social no sentido de uma sociedade totalitária. Ora, a Teologia da Libertação, na forma apresentada por Boff, não prega a revolução social, não é totalitária, mas intrinsecamente democrática, e ainda que perceba na luta de classes um motor fundamental da história, não pretende resolver todo o problema da libertação do homem através da luta de classes. Apenas afirma corretamente que será a prática diária e reivindicatória da libertação unindo os pobres em uma ação política conjunta, com a possível participação de uma parte dos ricos, que levará a essa progressiva libertação. Que libertação não se alcança apenas com desenvolvimento econômico, mas também com organização política dos trabalhadores.

Este debate poderia ficar no âmbito da própria Igreja, se não tivesse uma conotação política muito forte. Porque a própria posição política da Igreja na América Latina está em jogo. Com base nas declarações do papa advertindo contra os exageros da “Igreja popular” e agora com apoio neste documento, os setores conservadores da sociedade, que ainda têm influência sobre a Igreja, vêm tentando anular a revolução política da Igreja dos anos 60, diluir o sentido da opção preferencial pelos pobres e devolver à Igreja o caráter de mero instrumento ideológico das classes dominantes.

Para cada revolução há sem dúvida um Termidor. A reação conservadora é inevitável e sempre alcança algum êxito. A Igreja Católica na América Latina, entretanto, já se encontra profundamente comprometida com os pobres e os oprimidos. Na medida em que os ricos foram se desinteressando da religião, a base da Igreja na América foi cada vez mais se constituindo dos pobres, dos desempregados, dos marginalizados. Esta é a base real da Igreja na América Latina, que a Teologia da Libertação reflete. Trata-se de uma base sólida, que a convocação de Frei Leonardo Boff para depor em Roma dificilmente abalará. Conforme declarou José Romualdo Pereira de Souza, presidente da Federação dos Trabalhadores Cristãos de Brasília em carta à Folha, “se o punirem punirão também o povo sofrido e oprimido do nosso continente”.(04/09/84)